

## O CORPO E OS OBJETOS

Dulce Campos<sup>1</sup>

O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície. (FREUD, 1923/1996, p. 39)

Lacan, explicitando e desenvolvendo o pensamento de Freud, utiliza-o para estabelecer a correlação entre esse ego corporal e o sujeito do desejo que aí vai constituindo-se e se apresentando nas diversas partes do corpo por ele denominados objetos *a* – a boca, as fezes evacuadas do corpo, o olho e a voz significativas para representá-los. Posteriormente, como observa Roudinesco (1998), essa lista poderá ser acrescida do fonema, do fluxo urinário e do olfato. O pequeno objeto *a* cai e desaparece tornando-se nada para deixar que o sujeito advenha na sua verdade. A ideia do ego como entidade corporal (FREUD, 1923/1996, p. 39), que dá início à vida humana, alcança no simbólico a dimensão de ser falante na sua ascensão de sujeito, enredando-se pelo imaginário na busca do real inatingível, não simbolizável, e que “não cessa de não se escrever” (LACAN, 1972-1973/1982; QUINET, 2004).

Tomando-o na perspectiva de um Outro formador do sujeito, à medida que se direciona para o desejo em uma relação dialética de alienação-separação, é movido pelo medo da castração, caminhando na busca de um desejo próprio, o que na situação analítica se apresenta como “não cessa de não se escrever”, segundo as categorias aristotélicas, colocando-se como contingente (LACAN, 1962-1963/2005).

É a partir da noção do ego como superfície corporal que Lacan a insere no processo de subjetivação, elegendo partes do corpo que, sucessiva e simultaneamente, o encarnam.

1) A boca é o primeiro órgão a expressar a vocação de sujeito. Indiferenciada na função que exerce por meio da amamentação, como se fosse ela própria a fonte nutridora, sentindo-se chapada no corpo da mãe, no processo de desmame, a criança manifesta sua atividade quando recusa o seio e dele se aproxima, em um verdadeiro *fort-da*, jogo na busca da condição de desejante (LACAN, 1962-1963/2005). A cultura responde a essas exigências fabricando materiais que respondem aos apelos e favorecem o exercício de aproximação e de

---

<sup>1</sup> Membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-mail: dulce.campos@globo.com.

separação da criança com relação aos objetos de que necessita, demanda, os quais, posteriormente, se transformam em objetos de desejo. Fabricados, circulam no comércio em consonância com os apelos: mamadeiras, chupetas, gravações sonoras, fotos, guardando semelhanças com os objetos naturais. A forma como se processa o movimento de alienação e de separação com relação ao Outro, passando por variadas situações, pode explicar a persistência de sintomas do tipo anorexia e bulimia, e de transtornos alimentares com origem nas experiências infantis mais ou menos traumáticas, que se tornam mais ou menos persistentes. A dupla face de aceitação e de rejeição carregada de erotismo e de agressividade é clara ou veladamente observável por meio dessa parte corporal (LACAN, 1962-1963/2005).

2) As fezes (LACAN, 1962-1963/2005), relacionadas com a angústia, por serem mais claramente deslocáveis, objetos que caem do corpo, prestam-se melhor à explicação, por exemplo, dos casos das neuroses obsessivas em virtude da ambivalência que o relacionamento do bebê com o cíbalo manifesta. Não parece explicar-se pelo complexo de castração, porquanto, no nível da necessidade ou no da demanda, os movimentos da boca e das fezes, ainda não se encontram falicamente significantizados (inscrito no ápice da pera proposta por Lacan, o fálico tem nessa representação à esquerda: objeto de necessidade e de demanda, e não ainda desejo). O fato de as fezes oferecerem oportunidade pela forma como são tratadas no mundo externo em um contexto de ambivalência – ora como objeto precioso, ora como repugnante – possibilita à criança delas se utilizarem para negar ou doar um objeto precioso que lhe pertence podendo exprimir sua aceitação ou rejeição. Nada tem a ver, nesse prisma de objeto *a*, com a rotina da higiene corporal nem com o despertar da sexualidade que, coincidentemente, pode ocorrer. A criança tem a chance de dar as cartas, exercício de subjetivação. O sujeito prende-se, identifica-se com o objeto privilegiado que pode manejar, como se fosse a primeira forma de desejo a ser elaborado como desejo de separação.

Tanto a neurose obsessiva como outras perturbações, podem apresentar-se na vida posterior, do tipo, perturbações intestinais, remontando a essas experiências.

3) Na dimensão do olhar, o desejo se apresenta em uma estrutura mais desenvolvida do ponto de vista da sua alienação fundamental de modo que, paradoxalmente, o objeto *a* se encontra mais mascarado e protegido da angústia. Na experiência especular, Lacan observou a maneira como a criança se dá conta de sua presença em um contexto em que, ainda fisiologicamente imatura do ponto de vista motor, tenta aproximar-se de sua imagem projetada no espelho e da visão do outro (Outro) que a protege e a acompanha nessa experiência original. O júbilo que expressa é uma demonstração da descoberta inédita de si

que abre possibilidades de defrontamento com o Outro e o outro (LACAN, 1962-1963/2005; QUINET, 2004).

A presença de um órgão duplo – os olhos –, quase simétrica, incluindo a função da miragem que funciona desde o início como espelho, torna a criança diferente do louva-deus, por exemplo, que, por carecer de visão através do olhar do outro, põe em ação sua agressividade mortífera assassinando esse Outro desconhecido. O homem, por se encontrar diante de um semelhante, procede de outro modo (LACAN, 1962-1963/2005; VALBURGA, 1995).

Buscando encontrar os vestígios da função do olho, temos a ideia da visão como homóloga ao objeto *a* na construção teórica de Lacan. O componente do fascínio da função do olhar, no qual toda a subsistência subjetiva parece perder-se, ser absorvida, sair do mundo, é enigmático em si mesmo. Como correlato da fantasia no campo visual, o desejo pode apresentar-se como uma fonte de apaziguamento traduzido pelo termo “contemplanção”.

O enigma nos leva a questionar a função do desejo no campo visual. Para efetuar a captura do desejo humano, construiu-se a fantasia do terceiro olho. É interessante observar a forma como Buda se encontra apresentado na mais antiga tradição mágico-religiosa (LACAN, 1962-1963/2005), levando-nos a admitir que suas pálpebras voltadas para baixo parecem querer proteger ou atrair aqueles que o contemplam.

A figura visível está inteiramente voltada para o invisível, parecendo anular ou esconder o mistério da castração. O olhar se constitui como um dos quatro suportes que constituem a causa do desejo (LACAN, 1972-1973/1982, p. 128). Há uma suspensão tão frágil do dilaceramento do desejo do mesmo modo que uma cortina está sempre pronta a se reabrir para demonstrar o mistério que oculta (LACAN, 1962-1963/2005).

Referindo-se a Édipo no momento em que ele se dá conta do seu ato incestuoso, acredita Lacan que o que o leva à extrema angústia não é o medo da castração, mas ao fato de ver seus olhos por ele jogados no chão.

As belas pinturas de Santa Luzia e Santa Águeda feitas por Zurbaran e expostas no Museu de Chartres revelam a presença dos olhos e dos seios como objetos *a* como partes deslocáveis do corpo, portados em bandejas (LACAN, 1962-1963/2005; QUINET, 2004).

A voz é a outra parte do corpo que nos psicóticos não tem a mesma vibração sonora como naqueles que sofreram a trava do recalque. Como salienta Lacan, é no vazio da falta de garantia que, por meio do imperativo categórico, a voz faz sua entrada no mundo como significante de uma presença Outra. Essa voz não se relaciona com a música, mas com a fala que o sujeito espera do Outro, podendo a ela se submeter ou se opor.

Ao se referir à voz como supereu, Lacan (1962-1963/2005, p. 365), citando Freud, reforça: “[...] o pai intervém, da maneira mais evidentemente mítica, como aquele cujo desejo invade, esmaga, impõe-se a todos os outros.” No vazio, a voz ressoa como distinta da sonoridade, não modulada, mas articulada. É disso que se trata no imperativo categórico que exige obediência ou convicção. O superego do qual procede torna-se incongruente ao determinar: Goza!” Não se pode gozar por determinação de um Outro.

Nas estruturas que se revelam no discurso psicótico, não havendo vínculo entre sujeito e objeto, não há lugar para a fantasia, nem para o reconhecimento de objetos pequenos *a*. Tudo ocorre em nível de puro real sem enodamento com o imaginário e o simbólico dando lugar às alucinações e aos delírios. Não significa que, na origem do discurso psicótico, inexistia o trauma, mas o que resulta do trauma, em um nível sem nenhuma possibilidade de metaforização, favorecendo a passagem a ato.

Ao invés de nomear o objeto *a*, a voz, como laço que liga o desejo à angústia, Lacan o faz utilizando-se de objetos do rito judeu, começando pelo *shofar*, observando a forma de objeto *a* que se apresenta para quem o escuta. Colaborador nesses estudos, Theodor Reik (1909/1974) admite que o som do *shofar* parece ser a voz de Javé, a voz do próprio Deus. É uma repetição daquilo que se indaga sobre o que vem no lugar do Outro.

Com relação a outras culturas, as batidas rítmicas diferenciadas também parecem desempenhar a função de um Outro sagrado. Na tradição abissínia, é o tambor; no teatro japonês, o nô. Reik também se refere ao pião, objeto semelhante a um outro que produz um ronco parecido com o mugido de um boi. Ele aproxima esses dois instrumentos tomando-os como equivalentes ao mugido de Deus.

Em um diálogo com Abraão, Deus lhe impõe que sacrifique seu único filho, Isaac. Com igual onipotência, o mesmo Deus ordena-lhe que suspenda o ato e substitua a vítima por um carneiro. Nos diálogos com Moisés, entrega-lhe o destino de seu povo, enchendo-o de mandamentos a cumprir.

Indagações de Lacan: Nesse nível da voz imperativa, não será o próprio Deus que quer se fazer lembrar? Tecendo comentários sobre fé-agnosticismo, Lacan admite que a “onipotência” atribuída pelo crente a esse primeiro Outro absoluto pode indicar a existência de uma religiosidade comprometedora da subjetividade, admitindo que, somente por meio de uma ascese psicanalítica, o sujeito poderia desmistificar tal religiosidade (LACAN, 1962-1963/2005).

Retornando ao grafo de Lacan, vemos os objetos *a* – o escópico e a voz – situados à direita como objetos de desejo, e não mais de necessidade e de demanda.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FREUD, S. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-80. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 19) (Texto originalmente publicado em 1923).
- LACAN, J. *O seminário*, livro 10: a angústia (1962-1963). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O seminário*, livro 20: mais, ainda (1972-1973). Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982.
- QUINET, A. *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise* 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.
- REIK, T. Le Schofar. In: \_\_\_\_\_. *Le rituel: psychanalyse des rites religieux* (1909). Paris: Denoel, 1974.
- ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- VALBURGA, H. *A simbologia do olhar no conto Der Sandmann de E.T.A. Hoffmann*. [1995?] Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno09-02.html>>. Acesso em: 4 fev. 2008.